

GILBERTO FREYRE

O verão está findo. Voltam à casa veranistas, das praias, das montanhas, dos lagos. Muitos foram desovar sob as laranjeiras em flor da Califórnia e da Flórida; outros nas montanhas do Kentucky e do Colorado e ainda outros nos lagos do Canadá, onde – escreveu-me um amigo, num postal com a vista de uma lagoa, à beira da qual veranistas pachorrentamente pescavam – se passa o mais delicioso verão. O novo ano universitário – quero dizer a regular section, porque durante as duas semanas do verão funciona uma escola suplementar – está prestes a começar. Este ano, com a paz, as universidades esperam largas matrículas, iguais às dos anos anteriores à mobilização ou ainda maiores. Em Baylor esperam-se mais de 1.500 estudantes. Na grande Universidade do Estado, em Austin, onde estive a semana passada, a expectativa era de 5 mil. Os vastos dormitórios, as pensões e as casas das meio aristocráticas sororities e fraternities, – irmandades de moças e rapazes, respectivamente – preparavam-se para abrigar um número de académicos superior, em centenas, ao do ano passado. Austin é um lugar ideal para sede de universidade. É pitoresco e sossegado. Espanhóis e mexicanos, antigos donos da terra, deixaram lá um pouco de si próprios. Muitas de suas casas têm varandas, arcadas, ogivas, um não sei quê de igrejas. Em alguns dos edifícios da Universidade há restos da arquitetura meio eclesiástica dos espanhóis. A torre do edifício matriz parece arrancada a uma catedral. Os vagarosos de duas tardes dedicados em a visitar a Universidade, que é hoje uma das mais poderosas dos Estados Unidos. É oficial. Mas não é o oficialismo que faz a sua força. A de Chicago, de fundação privada, é aquele colosso. Ocupa a State University of Texas vários edifícios, este ou outro,

Tempo de aprendiz

Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)

agrupados em redor do main building, ou edifício matriz, less sem falar nos pavilhões. Em Austin estão concentradas as escolas de Artes Liberais, Engenharia, Arquitectura, Direito, Comércio e Educação. Só a de Medicina está fora, em Galveston. A Escola de Agricultura, que foi outrora filiada à Universidade, é hoje independente. Para lá têm vindo alguns estudantes do Brasil, da turma enviada pelo Governo, entre eles o sr. Peres, do Pernambuco. Na linha de pesquisas científicas, oferece a Universidade amplos recursos. Seus laboratórios estão providos de material para o mais esmerado post graduate work, ou seja, minucioso trabalho de investigação em que tudo é remido, coado e filtrado até os últimos pormenores. É um trabalho penoso, só acessível a mentes maduras. A Universidade é dona de uma opulenta biblioteca. Abriga um edifício inteiro, num recanto sossegado do campus. Dentro uma paz de igreja, e o book worm, como chamam os americanos ao indivíduo fanático pela leitura, sente-se à vontade, como um regale dentro de cozinha farta de doces e gulzados. Provida de livros finos, possui até rolos de manuscritos preciosos e autógrafos. Tudo é zelado com um carinho especial. As páginas dos volumes são tão respeitadas pelos estudantes, ditos usufrutuários deste maná do Céu, como pelas insetos. Lembrei-me com tristeza de umas coisas horríveis que o sr. bibliotecário da Academia de Direito do Recife contou uma vez da seção sob sua guarda, em relatório oficial: folhas de livros arrancadas, coleções de jornais desfebradas, volumes desaparecidos. Gordon Duff, se tivesse lido aquele relatório triste, teria dedicado um capítulo inteiro a semelhante classe de leitores daninhos no seu livro The enemies of the books. Além da Universidade, Austin tem o Capitólio, pois é a capital do Estado. Santuário palácio, cópia do de Washington. Na ala direita está a Câmara; na da esquerda o Senado, no fundo o salão de gala do governador. Visitei as suas salas, revestidas de uma nobre dignidade oficial, com pesados tapetes, sofás poltronas e retratos a óleo, nos e estadistas como, por exemplo, o de Sam Houston com a sua farda cinzenta e a mão adá vitoriosa. Um velho guarda do Capitólio, que nos acompanha, a mim e alguns amigos, abre as salas oficiais cujas portas ele ia abrindo com seu mocho de chaves, serviu-nos de pacherento cicerone. De alto da torre do Capitólio avista-se a cidade, estendida num só panorama. Os automóveis e as bondes, vistos de lá, parecem nos brinquedos e as casas, salões de bombona.

global

Resumo de Tempo de Aprendiz

Na apresentação desta obra, Geneton Moraes Neto escreve: “Caro leitor, trate este volume com cuidado. Porque os artigos desse livro foram escritos por um gênio autoproclamado quando ele ainda era um jovem em seus verdes anos”.

O "Tempo de aprendiz" agora em nova edição, traz os artigos que o jovem Gilberto Freyre publicou nas páginas do Diário de Pernambuco – o mais antigo jornal em circulação na América Latina – entre os 18 e os 26 anos de idade, período em que esteve nos Estados Unidos.

Os primeiros artigos, portanto, foram publicados há quase um século! Ali, já gestava o estilista que, poucos anos depois, no início da década de 1930, ofereceria ao Brasil, em Casa-Grande & Senzala, um tratado sociológico escrito em linguagem literária e se tornaria um dos mais importantes antropólogos do século XX.

Os artigos apresentados em Tempo de aprendiz, que revela as experiências de Gilberto Freyre e suas opiniões acerca do modo de vida norte-americano, foram aqui publicados sem correção, tal como estão nas colunas do Diário.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)